

DOIS MOMENTOS DA DICOTOMIA CIDADE/CAMPO NA LITERATURA ORAL GAUCHESCA

Lisana Bertussi¹

Resumo

Estudo da dicotomia temática cidade versus campo, em dois momentos do Regionalismo gaúcho: na poesia do Cancioneiro popular, registrado pelo *Cancioneiro Guasca* de Simões Lopes Neto e *Cancioneiro Gaúcho* de Augusto Meyer, aproveitando a reflexão de Lucien Goldmann, sobre a transformação de valores na sociedade liberal moderna, na sua *Sociologia do Romance*, e na coletânea de *Causos gauchescos dos Campos de Cima da Serra*, os *Causos do boi voador*, utilizando o conceito de etnotexto de Jean Bouvier.

Palavras-Chave: Regionalismo gaúcho, Literatura oral, Cancioneiro popular, Causos gauchescos, Cidade versus campo.

Abstract

The Study of city/countryside dichotomy in two moments of the Gaucho regional literature: in the popular "cancioneiro" poetry found in "Cancioneiro Guasca" by Simões Lopes Neto and "Cancioneiro gaúcho" by Augusto Meyer, making use of Lucien Goldmann's reflexion about the transfer of values in modern liberal society in "A Sociologia do romance" and in the "Coletânea de causos gauchescos dos campos de cima da serra", the "Causos do boi voador", using contributions made by Jean Bouvier on the "etnotexto".

Keywords: Gaucho Regionalismo, oral literature, popular "cancioneiro" regional short stories, city/countryside.

A poesia do Cancioneiro gaúcho: o conflito cidade/campo com raízes populares

No Rio Grande do Sul, há um Movimento de valorização do regional muito intenso, vincado num sentimento telúrico acentuado e emblematizado pela mitificação de um espaço geográfico intitulado *a Campanha*, recortada pelo meio rural e habitada pelo pastor de gado.

Esse é um espaço privilegiado, tematizado em tendências como o *Tradicionalismo*, o *Nativismo*, *Gauchismo*, *Regionalismo*, todas interessadas, em grande parte, em enaltecer o

¹ Professora do Departamento de Letras e do Mestrado em letras e Cultura regional da Universidade de Caxias do Sul, rio Grande do Sul, e-mail :zanabertussi@terra.com.br.

tipo campeiro, como mito representativo do povo sul-rio-grandense, e o meio rural como o *paraíso campeiro democrático*, habitado pela *boa gente*, em oposição ao espaço urbano degradado pela civilização tecnológica. Essa visão, sem dúvida, romântica e conservadora e que se estende com ênfase até os tempos modernos, é forte presença na *Literatura Regionalista gaúcha* e já aparece na poesia oral de nossas origens, demonstrando que tem raízes populares.

As primeiras manifestações poéticas da História da poesia gaúcha estão reunidas no cancioneiro popular, em duas publicações importantes: o *Cancioneiro Guasca* (1910), de Simões Lopes Neto e o *Cancioneiro Gaúcho* (1950), de Augusto Meyer. Essa produção literária – localizada, temporalmente, segundo o crítico Guilhermino Cesar, em sua *História da Literatura no Rio Grande do Sul* (1971), antes da chegada dos imigrantes alemães, em 1924 - por sua autonomia, consequência da liberação de modelos impostos por códigos estilísticos, a que provavelmente não tinha acesso facilitado - mesmo que sofrendo algumas influências inevitáveis dos povos colonizadores, configura-se como uma possível mostra dos valores vigentes e representa a fonte das raízes de nossa poesia regionalista. É a partir dela que podemos delinear o universo gauchesco da época, possível engendrador do que hoje denominamos *Gauchesca*,² ou seja, a *Literatura Regionalista do Rio Grande do Sul*. Examinemo-la, pois.

No cancioneiro, encontram-se recolhidas composições, sob a forma de quadras, trovas, poematos, desafios, motivos de fandango e outras e, nelas, está muito presente a referência elogiosa ao espaço campeiro. Observe-se a quadrinha abaixo, onde já se delinea o espaço regional:

Gosto da vida do campo,
Dessa eterna gauchada,
na cidade eu morreria
comendo carne cansada.
(CGA 71)³

² Foi Guilhermino Cesar quem nomeou *Gauchesca* a Literatura regionalista que tem como referência o universo campeiro, para diferenciar da Literatura gaúcha.

³ Usaremos CGA para *Cancioneiro Gaúcho* e CGU para *Cancioneiro Guasca*.

Veja-se que o meio rural é valorizado por contraste com a cidade, já indiciada aqui, negativa e alegoricamente, por só oferecer “carne cansada”, sem os poderes revitalizadores do alimento campeiro, e o primeiro, mesmo como lugar da labuta diária, propicia que se passe a vida numa “eterna gauchada”, portanto, em atividade prazerosa. Não é por nada que uma das hipóteses para a origem da palavra *gaúcho* seja *gáudio*,⁴ que significa gozo, prazer. Esse é um sentimento muito cultuado pelo Regionalismo sul-rio-grandense em todas as suas manifestações culturais e veja-se que desde as origens.

A *Campanha* é um espaço que recorta um universo, onde trabalho e amor são bens valiosos e as relações com o cavalo e a mulher são referências recorrentes, nas quadrinhas, por exemplo. Observe-se uma delas:

Cavalo bom e mulher
Foi pelo que fui perdido:
Cavalo bom sempre tive,
Co'a mulher fui mui unido.
(CGA 79)

Não pode deixar de ser registrado que, em composições como essa e em muitas outras, a posição da mulher está aquém da do cavalo, supervalorizado, por ser o instrumento fundamental para domínio do mundo rural. No entanto, fica também configurado aqui o vínculo do homem com a natureza e os demais homens, o que caracteriza sua saudável e autêntica relação com o mundo.

E é tão estreito esse vínculo do poeta com o *universo campeiro* que esse lhe serve sempre como fonte alegórica para suas declarações amorosas. Observe-se:

No potreiro dos teus olhos
Cupido me baleou
Que esperança fugir-lhe
Logo o buçal me passou
(CGA 90)

A fita do teu cabelo
É buçal mania e laço

⁴ Augusto Meyer fala dessa possibilidade em *Gaúcho – História de um palavra*.

Descogotado e lunanco
Inda por ti movo o passo
(CGA 89)

Ainda, o sentimento mais enfaticamente cultuado pelo homem rural é aquele da liberdade e descompromisso do gaúcho nômade, habitante dos campos, antes da demarcação das estâncias pelos aramados, marca da presença da propriedade privada e da civilização. É a figura do *monarca das coxilhas*, faceta importante do mito do gaúcho, que, traduzindo esses sentimentos, aparece numa série de quadrinhas intituladas *Monarquia*, recolhidas pelo *Cancioneiro Gaúcho*. Observemos dois exemplos:

Todos cantam, trovam versos
com sua sabedoria:
Só eu me ponho a cantar
Pela lei da monarquia.

Nos campos da minha terra,
Sou gaúcho sem patrão;
De a cavalo, bem armado,
Minha lei é o coração.
(CGA 71,72)

Repare-se que a *monarquia*, representando a idéia de liberdade e superioridade, é aqui transformada em “lei”. Esse *guasca* que é “gaúcho sem patrão”, descompromissado de qualquer vínculo, movido por seus próprios impulsos, tem como ética só *a lei do coração*. E pode sentir-se seguro, nesse universo onde ele é o rei da situação.

Outro motivo registrável é aquele da vida quotidiana no campo. São as relações de vizinhança, a charla entre amigos, a solidariedade e apoio no trabalho e nos momentos difíceis as marcas desse dia a dia. Observe-se este prosaico “Bilhete e resposta”, do *Cancioneiro Guasca*:

Compadre e amigo Severo:
amanhã se Deus quiser
a fim de meu povo ver
a ir té à vila quero:
não tendo de meu os meios
-e deixando de rodeios ou estilo que não quadre
venho pedir-te compadre
me empreste os teus arreios.

Compadre e amigo Mota:

recebi o teu escrito
na ocasião em que, aflito,
bruxuleava uma sota...
E procurando na idéia
os trastes que possuía,
vejo todos sem valia;
mas cincha, lombinho, xergão
tens tudo à disposição.
(Cacimbinhas)
(CGu 236).

A sem-cerimônia com que o gaúcho pede emprestados os arreios do cavalo do vizinho e a declaração deste de que são “trastes...sem valia” seus bens materiais, que entrega ao amigo, demonstra o quanto são autênticos os valores do campeiro que não tem apego às suas propriedades e supervaloriza a amizade.

Ressalvada a visada romântica que permeia essa poesia, sem nenhum comprometimento intencional maior com a tradução da realidade explícita, parece haver razões para acreditar que para o gaúcho desses tempos no Rio Grande do Sul a vida campeira estava muito mais próxima de favorecer o que Lucien Goldmann, em *A Sociologia do romance* (1976) denominou as *relações autênticas* do homem com a terra e os outros homens, o que lhes possibilitava alcançarem uma melhor qualidade de vida.

Penso ser interessante lembrar que para Goldmann a sociedade individualista moderna é corrupta, degradada, passando por uma crise de valores existenciais e caracterizando-se por ter sido criada pelo liberalismo mercantil, quando a relação natural dos homens com os bens de consumo, anteriormente regida por um valor qualitativo, o *uso*, foi modificada pelo valor quantitativo, a *troca*, nascida desse modo de produção. Isso fez com que essa relação, que se expressa nos vínculos do homem com a natureza e com os outros homens, se apresentasse artificializada, degradada, privando-o das ligações autênticas.

Talvez possamos pensar que vale para o universo campeiro, configurado pela Literatura gauchesca de nosso cancionário popular, essa reflexão de Goldmann, uma vez que ela pode explicar os sentimentos expressos na poesia sobre o conflito gerado pelo contato dos dois espaços: o rural e o urbano.

Mas continuemos com a literatura oral que viemos examinando. Ausentar-se do pago é sempre um sofrimento para o homem rural que se sente identificado e conhecido pelo mundo familiar em que vive. Repare-se:

Quando me ausento dos pagos
-Isto por curto intervalo-
Reconhecem minha volta
pelo tranco do cavalo.
(CGU 152)

ou ainda:

Cá te escrevo destes pagos
Onde a sorte me há boleado,
Rebenqueado de saudade
Como um matungo cansado.
(CGU 162)

No “matungo cansado”, cavalo velho sem valia, fica alegorizado o enfraquecimento da força e vitalidade do gaúcho, pelo rompimento do vínculo com o campo.

E a civilização, como espaço ameaçador e cheio dos perigos do desconhecido, no qual os valores do campeiro podem não ter utilidade e onde ele tem receio de ser ridicularizado, pode ser vista, nesta fábula recolhida no *Cancioneiro Gaúcho*, em que o interlocutor previne o zorrilho, que é bicho tido como muito esperto, das ameaças urbanas que ele finge não temer. Veja-se:

-Não vá lá, senhor Zorrilho,
Na cidade há seus perigos
-Não vive ninguém no mundo
sem ter os seus inimigos.

-Não vá lá senhor Zorrilho
Para não ser caçado
.-Que me importa, lá se avenha,
eu sou moço da cidade.
(CGA 65)

É interessante como aqui há uma troca de valores para se adaptar ao mundo citadino, quando o Zorrilho se defende, dizendo – “que me importa lá se avenha/eu sou moço da cidade”, o que pode traduzir uma desvalorização de sua origem. Não é o que acontece em outras composições, em que o campeiro busca reorganizar-se para enfrentar o

desconhecido. Interessantíssima a composição “Saia balão”, do *Cancioneiro Gaúcho*, de que transcrevemos parte, abaixo:

Amigo Juca. Eu cheguei,
Da marcha um pouco delgado,
Mas os pastos da cidade
Já me tem embarrigado.

Achei encosto e abrigo,
E mui regular aguada;
Para um homem da coxilha
Não é má esta invernada.

Mas assim um pouco arisco,
Sempre as orelhas trocando,
Vejo coisas mui estranhas
Que me vão ressabiando.

Como abestruz na macega,
nas ruas vivo enredado
sem querer, gambeteando
Para um e outro lado.

Usam aqui as muchachas
Uma tal saia - balão;
Coisa feia amigo Juca
Por Deus e um patacão!

...

Encontrei-me um dia destes;
- Caramba, que bicho feio!
Era uma saia que andava
E ela fincada no meio!

Andei-lhe por derredor,
Como boi lá da atafona,
E gritei-lhe bem de rijo:
- Deus lhe dê saúde Dona!

A mão lhe quis apertar,
Espichando bem o braço;
Cuê - pucha! se estava longe,
A um comprimento de laço.

...

Ah! pingo! amigo Manduca!
sentou de golpe e bufou;
E eu encostei-lhe as chilenas
E aí, no más velhacou!

De rédea na mão, saí,
Mas pechei-me co'o balão
que vinha erguido na frente
à maneira de alçapão.

Saquei da cintura as bolas
e na voltaeda escorreguei.
Mas sacudi meio a rumo
E nos garrões lhe cruzei.
(CGA 176)

A moda citadina da “saia-balão” que impossibilita ao campeiro apertar a mão da “muchacha”, pois fica a “um comprimento de laço”, alegoriza o quanto são distantes as relações na zona urbana, tão diferente da autenticidade e solidariedade, que aproxima vizinhos, mesmo que morem longe um do outro, na zona rural. E, assustados, cavalo e cavaleiro usam o seu laço e bolas, instrumentos da lida diária do campeiro, para elaborarem a nova situação, representada pelo “alçapão”, e vencer a degradação da cidade, em que o “balão” da saia moderna pode representar o vazio existencial de um mundo carente de vínculos autênticos com a terra e os outros homens.

Então, podemos concluir, observado o cancionero popular das origens de nossa literatura, que a visão que considera a dicotomia *zona primitiva rural versus civilização* como sinônimo de autenticidade e degradação viciosa, forte presença na Literatura regionalista gaúcha, tem, sem dúvida, raízes populares, ainda que outros períodos da Literatura regionalista, a tenham explorado ulteriormente como temática.

Observemos, agora, uma manifestação atual da Literatura oral de nossa região, representada pelos contos populares, *os causos*, reunidos numa compilação de histórias dos Campos de Cima da Serra, os *Causos do boi voador*, feita pelo projeto de pesquisa CAUSSER da Universidade de Caxias do Sul. Nosso interesse aqui é mostrar, não só como se apresenta a dicotomia cidade campo, mas ainda como ela se modifica, rompendo o tradicional sentido dado ao campo, como o lugar livre dos vícios da civilização, para traduzir o processo pelo qual o campeiro vai se adaptando aos novos valores da tecnologia. Ao mesmo tempo, acrescentamos à demonstração a contribuição de Jean Bouvier, com o conceito de *etnotexto*, ligado às possibilidades de a literatura oral e popular contribuir para contar a História regional.

Causos do boi voador: um etnotexto dos Campos de Cima da Serra, que desvela o conflito

cidade / campo, amenizado pela possibilidade do campeiro elaborar o desconhecido

No texto “Patrimônio oral e consciência cultural”, segundo capítulo de *Tradition orale et identité culturelle, problèmes et méthodes*, de Jean Claude Bouvier e outros (Paris, 1980), ao se argumentar sobre a pertinência cultural do estudo da literatura oral, refere-se o conceito de *etnotexto*, como instrumento metodológico para refletir sobre essa manifestação da cultura.

O *etnotexto* é todo documento oral ou escrito, literário ou não literário que porte alguma informação cultural sobre a comunidade. Idelete Mouzart, estudiosa francesa da literatura oral do Brasil, em “Escritura da voz e memória do texto: uma abordagem da literatura popular brasileira” (1995) define-o como “discurso que um grupo social elabora sobre sua própria cultura, na diversidade dos seus componentes, e através do qual reforça e questiona sua identidade”. Assim, esse texto representa uma leitura coletiva da realidade, uma forma de “a comunidade apossar-se de seus bens culturais, muitas vezes a única”.

Jean Bouvier acrescenta que a informação trazida pelo *etnotexto* tem um caráter especial, pois é de cunho subjetivo: é a revelação da face escondida da realidade objetiva que não aparece nos estudos clássicos da História regional. Daí, sua potencialidade desveladora. Ora, a literatura é um discurso portador dessa possibilidade. Advém disso, sua pertinência cultural: ele está carregado de sentido para a comunidade, porque é uma leitura que ela própria faz de si mesma. Portanto, deve ser integrado no discurso da cultura, visto na sua totalidade.

Os *Causos do boi voador* podem ser lidos nessa perspectiva: eles são um *etnotexto* da cultura dos *Campos de Cima da Serra*. Através deles, podemos ler a interpretação que a comunidade rural dessa região faz de sua identidade. Podemos, ver neles o que se pensa sobre as lutas diárias pela sobrevivência, sobre as relações amorosas, o lazer, e também sobre a chegada da modernização no campo. E esse último tema, expresso no conflito gerado pelo processo civilizatório - tecnológico e sua interferência no meio rural, é um dos aspectos mais enfáticos nas narrativas dessa coletânea, o qual consideramos merecedor de exame.

Há, nos *Causos do boi voador*, seis narrativas que abordam o tema do conflito primitivo versus civilizado: “O campeiro em Porto Alegre”, “O guarda-chuva”, “O fio do telefone”, “A chegada do trem no campo”, “O Q. suco” e o “O disco voador”. Observe-se que a cidade grande, o telefone, o trem, o Q.suco e o disco voador são aqui metonímias da interferência da civilização e do progresso no universo do campeiro. São eles elementos simbólicos do conflito de valores que desorganiza o sistema do homem rural, o qual necessita usar sua criatividade para uma nova organização reconciliatória.

A título de exemplo, vamos examinar três desses contos: “A chegada do trem no campo”, “O fio do telefone” e “O disco voador”.

Vamos ao primeiro:

A CHEGADA DO TREM NO CAMPO

No final dos anos quarenta, início de cinquenta, empenhava-se o exército brasileiro, com seu batalhão ferroviário, em completar a ligação de Porto Alegre a São Paulo. E os trilhos iam cortando os Campos de Cima da Serra na região de Vacaria em direção a Lages. E lá passavam pelos campos de grandes fazendeiros!

Pela Fazenda da Jaguatirica de propriedade dum tal de Herculano da Luz cruzou o trilho em grande extensão. E o Dr. Herculano, que morava em Porto Alegre, determinou a construção de alambrados no decorrer da cerca, para proteger o gado, antes que chegasse o tal trem.

Vindo de Porto Alegre, inspecionou o serviço e viu que não ia dar tempo: antes de terminar a cerca seria inaugurada a linha do trem! Então ele resolveu contratar diversos posteiros, para que, sabendo quais os rumos, os dias e horários em que o trem deveria passar, cuidassem de afastar o gado de perto dos trilhos. Assim que, entre os posteiros, arranchou-se um tal de Chico Manco, tido como vadio e muito conservador. E, já na primeira viagem, deu-se a tragédia! Veio o trem e atropelou mais de uma dezena de cabeças de gado. Sabedor da má notícia, o Dr. Herculano foi aos fundos da fazenda tirar satisfações do Chico Manco:

-Mas como foi isso Chico?

E o posteiro, senhor de si, com a voz bem entonada explicou:

-Olha Dr...tivemo sorte!

-Como tivemo sorte?! Vem o trem e, na primeira viagem, lá se vão quinze cabeças de gado?!

-Tivemo sorte, Dr. Herculano, pois o bicho resolveu cruzá de cumprido! Pois se ele vem de atravessado não sobrava nem eu pra de contá a história.

Veja-se que, aqui, o *Chico Manco*, que tem, na nomeação, alegorizada a carência de firmeza para andar pelo desconhecido mundo da modernidade, representado pelo trem, não encontra forma de reorganizar seu universo a partir dessa estranheza e, considerando o trem como um “bicho” não domável, fica passivo diante da ameaça tecnológica que destrói o gado de seu patrão.

Já o compadre Mário Soares, de São Chico de Paula, ainda que equivocado quanto à verdadeira dimensão dos valores da civilização, faz uma tentativa, mesmo que fantasiosa, para dominar esse novo mundo. Observemos:

O FIO DO TELEFONE

O compadre Mário Soares, de São Chico de Paula, no tempo de guri novo, gostava bárbaridade de um fandando! E, num sábado à tarde, sozinho reluzindo na macega, encilhou a egiinha dele, (uma égua muito buena) e veio a um baile cá perto do Passo de Esse. Aí, iniciado o baile, umas seis hora da tarde, inverno!, no escurecer, já começava a roncar a gaita! Seu Mário chegou no baile, vê uma potranquita linda no más lá no canto da sala!, e diz: “vô tirá essa prenda pra dançá”. E já queria sair com ela pro salão. Mas deixa estar que se deu mal o compadre Mário Soares! Não é que a moça lhe deu um carão! Disse que era cumprumetida! E não quis dançar! O compadre Mário, ofendido, (e ele não era de levar desaforo pra casa), armou um bochincho daqueles! Mas não deu tempo de eriçar o pêlo que entaipou de bigode na frente dele!

Não teve outra saída a não ser puxar a adaga e sair riscando! “E, rapaiz de Deus... Não é que dalhiapouco eu vi que enterrei a adaga um pouco mais na barriga de um!... E tive que ir à horta! Me atirei pela janela dos fundos, pequei a égua e saí estrada fora!

Aí, eu ia no galopito, e muito triste, porque, afinal de contas, pensava: eu, Mário Soare, rapaiz novo de São Chico de Paula, filho de boa gente...O Mário?! matá um home?Mas isso não se faz! Mas, também, não teve outro jeito! E...eu ia, assim, pensando e resolvendo o que eu ia fazer da minha vida! É difícil né?, porque afinal de contas eu gostava de São Chico! Ia ter que fugir pra outro lugar, de preferência pra um lugar bem longe!, onde ninguém fosse me achar! E caminhando, e pensando, essa altura, já ia devagarito na minha égua, triste, uma coisa anuviando no meu zolho, e resolvi que tinha que ir embora! E pensei comigo: é, vô fugi e vô prum lugar bem longe, onde ninguém me conheça...Vô pro Canela!

Decidido! Vô pro Canela! Mas quando eu fui chegando perto das bandas de Canela, ali no Canelinha, clareando o dia, eu olho assim pro alto e...me deu um cutuque! O que é que eu vejo? O fio do telefone! Bárbaridade!...Levei um susto! Porque pensei: que que adianta eu ir pro Canela? O

Delegado de São Chico pega o telefone, telefona pro delegado de Canela! E eu chego em Canela... E, tô preso! Tá preso o Mário Soares! Mas eu sô um home prevenido! Sempre fui home muito prevenido. Encostei a minha egiinha bem perto do poste do fio do telefone! E eu sempre tinha, embaixo dos arreios, um facão bem afiado! Pois olha, foi a minha sorte! Quando inventei de cortar o fio do telefone pra não deixar o delegado de São Chico avisar o delegado de Canela, eu corto o fio do telefone e foi só o que deu tempo!, pois, do fio que ficou do lado de São Chico de Paula, ainda pude vê uma vozinha que saiu assim do fio: prendaaa o Mário! E caíram as palavrinhas no chão da estrada! Foi a minha sorte!”

Veja-se o quanto o Compadre Mário padece da dificuldade de traçar os limites do mundo, novo para ele, um universo para o qual Canela, tão próxima, na realidade de São Francisco de Paula, toma a feição de “um lugar bem longe”, dimensionado não pela velocidade do telefone, metonímia da modernidade, mas pelo andar da égua do campeiro. Observa-se, ainda, que essa personagem já está a um passo adiante do Chico Manco, do caso anterior, pois usa um elemento cultural importante e representativo do domínio da natureza, no seu universo, que é seu facão “bem afiado”, capaz de “cortar o fio do telefone”, ameaça à sua sobrevivência.

Vejamos, novamente, o Compadre Mário Soares às voltas com a novidade tecnológica no caso abaixo:

O DISCO VOADOR

Isto se deu lá pras bandas de São Chico de Paula, na época em que os jornais andaram falando muito de discos voadores. Muita gente se gabava de ter visto um e, nos bolichos de campanha, se proseava grosso sobre o assunto. Índio valente não faltava pra olhar de perto um que por acaso baixasse na redondeza. Ah! Isso não faltava mesmo.

O bolicho da Rosalinda estava cheio naquele sábado. Tardezinha, lusco-fusco, candeeiro aceso, nos gavetões, feijão, arroz, açúcar amarelo. Nas prateleiras, veneno de mosca, carrapaticida, azeite, marmelada, rapadura, pastilhas Valda. No teto, baldes, penicos, vasilhas, ferramentas, tudo coalhado de sortimento. Rosalinda de cuia na mão, a peitaria farta, apoiada no balcão lustroso, atendendo solícita a freguesia. Uns índios, mais quietos que guri cagado em porta de rancho, carpeteavam numa mesa, outros proseavam tomando um trago de canha, acertavam venda de gado e arrendamentos de campo em meio a comentários admirados sobre o objetos não identificados.

Foi então, que chegou o compadre Mário Soares, cuera respeitado uma barbaridade por aqueles lados, contador de causos, homem muito viajado vivido mesmo. O compadre se aproximou do balcão,

bem na hora que a Rosalinda mostrava pro seu Aparício uma foto no jornal com a notícia de um disco voador. Aí, depois de pedir um “liso”, o Seu Mário, que era homem vivido uma bárbaridade, e que tinha ficado escutando quieto um bom tempo, pigarreou grosso, se virou pra indiada e, no silêncio que se fez de vereda, relatou:

“Mas não é que, outro dia, eu tava mateando solito na varanda lá de casa, me embalando na minha cadeira véia e olhando os vermelhão de tempo bom se espichando na direção do chovedor, quando vislumbrei um risco de fogo que passava dum lado pro outro do céu. Dum lado pro outro, dum lado pro outro... Acertei a vista e fiquei mirando aquilo meio desconfiado. E o risco foi engrossando, engrossando e ficando parecido com um pires alumiado que foi crescendo, crescendo, crescendo, baixando, baixando, baixando, até que, piscando umas luzinhas coloridas, estaqueou no pasto! Bem em frente a um capãozinho lá *de casa...E eu, mateando...O bicho devia de ser quente porque chamuscou o pasto e saíram até umas fumacinhas! Aí, ficou ali parado um tempão, com as luzes piscando sempre, até que se abriu uma portinhola, e não é que saíram lá de dentro uns homenzinho verde com umas antenas espetadas na cabeça! E eu, mateando... E os homens se vieram, se vieram, o maiorzinho, que devia de ser o chefe deles, na frente. Se vieram, se vieram, e eu já me levantando pra receber os chegantes...E não é que o maiorzinho aquele mesmo se chegou pra mim e disse:*

-Mas então, buenas compadre Mário!

-Buenas! Inda que mal pergunte, de onde são os senhores?

-Semo de Marte!

Aí prosiemo um pouco e quando eu ia convidar pra sentar um disse:

-Compadre Mário, o senhor não quer dar uma voltinha de disco?

Eu tava mesmo precisando reopantar um gadinho... Aceitei e fui reopantar o gado de disco. Embarquemo no pires e num vu a gente já tava em cima da animalada. Botei a cabeça pra fora da janelinha do disco e gritei pras vacas: “Ôoh! ôoooooh! ôh!” A Princesa, a Salina e a Estrelinha olharam pra cima e ... não é que me conheceram? Depois eu quis dar um adeusito pro meu compadre Argemiro Hoffmann, que também tava mateando na varanda lá dele, mas acho que ele me estranhou, porque não me conheceu. Foi uma pena!

Aí, vortemo. Os homenzinhos disseram que já tava tarde, que eles tinham necessidade de dar uma volteada lá no Japão! Se despedimos e eu até mandei um resbuenas pra indiada lá de Marte, que eu futurei tudo verdinho como eles.

E lá se foi o pires riscando as nuvens de alumio!

E não é que, até hoje, não me conformo! Não é que me esqueci de ofertá um mate pros home!

Veja-se que esse *etnotexto* reflete a disposição do campeiro de lidar com os elementos trazidos pela civilização, uma vez que “Índio valente não faltava pra olhar de perto um disco voador que por acaso baixasse na redondeza”, mas também demonstra que a compreensão do

desconhecido e seu reconhecimento, é feita com o instrumental lingüístico familiar ao universo do narrador: o disco era, segundo ele, “ parecido com um pires alumiado” que foi “crescendo, crescendo, baixando, baixando, baixando até que, piscando umas luzinhas coloridas, estaqueou no pasto!” Veja-se que ele “estaqueou” como faria o gado e a seguir ele é visto como um “bicho (que) devia de ser quente porque chamuscou” (o chão). É curioso também como o narrador-personagem coloca-se numa posição de respeitabilidade e valorização, uma vez que os marcianos abordam-no com um “buenas compadre Mário”, cumprimento típico da linguagem do seu mundo regional. Ainda, o campeiro resolve não só dar “uma voltinha de disco”, como usá-lo para “repointar um gadinho”. E finalmente, não tem nenhum constrangimento de mandar um “resbuenas pra indiada lá de Marte”.

Jean Bouvier apontou o quanto o *etnotexto* é revelador da face escondida do real. É comum tematizar-se sobre as conseqüências negativas da interferência da civilização no universo primitivo, mas não é isso que o caso “O disco voador” desvela. Ele demonstra o quanto o campeiro é capaz de assimilar o progresso e até fazer uso dele para rever seu universo. Ele revela que a *aldeia do boi voador*, mesmo lutando para preservar sua identidade não desconhece e até se integra na *aldeia global*. Talvez ele possa alegorizar para nós a importância do reconhecimento do discurso popular e regional neste início de milênio.

E fica representado, nesse estudo, o percurso das relações entre o campo e a cidade, num primeiro momento, expressas no conflito dos dois universos, por suas diferenças de valores e, num segundo momento, com a possibilidade de reorganização do campeiro, diante do novo mundo desconhecido, usando até recursos readaptados de seu mundo original, para alcançar segurança e reconciliação.

BIBLIOGRAFIA:

BERTUSSI, Paulo e Lisana. *Causos do boi voador*. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

BOUVIER, Jean Claude et al. Patrimônio oral e consciência cultural. In: *Tradition orale et identité culturelle/problèmes et méthodes*. Paris, CNRS, 1980. Traduzido por Adylla Rocha Rabello e Idelele Fonseca dos Santos.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

JOLLES, André. *Formas simples*. São Paulo: Cultrix, 1976.

LOPES NETO, Simões. *Cancioneiro guasca*. Pelotas: Livraria Universal, 1910.

MEYER, Augusto. *Cancioneiro gaúcho*. Porto Alegre: Globo, 1956.

_____. *Gaúcho - História de um apalavra*. Porto Alegre: IEL/SEC, 1957. (Cadernos do Rio Grande, Seccção III, n.1)

MOUZART, Idelete. Escritura da voz e memória do texto: uma abordagem da literatura popular brasileira. In: *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França*. Org. Zilá Bernd e Jacques Migozzi. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do RS, 1995. (Ensaio CPG – Letras I)

GOLDMANN, Lucien. *A sociologia do romance*. 2ª ed. Rio: Paz e Terra, 1976.